

Prólogo

Vinte anos atrás

Uma sirene reverberou pelo ar. A multidão, que aguardava em segurança atrás das barreiras da polícia, agitou-se devido à expectativa. No posto de comando, Kate Corsi saltitava de entusiasmo.

— Agora, papai?

Sam Corsi riu.

— Ainda não, Katie. A sirene acaba de anunciar que faltam dois minutos.

Ela tentou se conter, mas aqueles dois minutos lhe pareceram uma eternidade. Sempre soubera que o trabalho do pai era explodir prédios e chegara, inclusive, a assistir a filmes que falavam da profissão. Porém, dessa vez era diferente, pois veria a explosão ao vivo.

Ansiosa, torcia a fita que prendia seus cabelos loiros.

— Posso apertar o botão?

— Se for boazinha, um dia eu a deixarei acionar a dinamite, mas não hoje. — Sam Corsi afagou os cabelos do filho. — Será Tom quem herdará o negócio da família e, por isso, ele precisa aprender a como controlar tanto poder.

Tom abraçou Kate.

— Sua vez ainda vai chegar, baixinha.

A contagem regressiva de Luther Hairston progredia. Quando notou a atenção de Kate, piscou para ela sem interromper a contagem.

— Vamos, Tom — Sam Corsi ordenou. — Ponha o dedo no botão e espere meu sinal. Não o aperte antes de eu dizer “agora”.

Pálido, Tom pôs o dedo no botão. Kate sabia que ele não se atrapalharia, apesar do nervosismo. Afinal, era o irmão mais inteligente do mundo.

Sete, seis, cinco, quatro, três, dois...

— Agora! — o pai exclamou.

Tom apertou o botão com tanta força que o dedo embranqueceu. Nada aconteceu e, por um instante terrível, o coração de Kate parou.

Então uma metralhadora de estrondos eclodiu do prédio no outro lado da rua e nuvens de poeira surgiram das janelas dos andares inferiores. Os estrondos seguintes foram ainda mais poderosos. As paredes internas desabaram e a estrutura gigantesca ruiu lentamente. Kate gritou de alegria.

O pai a carregou para que ela tivesse uma boa visão.

— Preste atenção, Kate. É a Phoenix Demolições Internacionais em ação. Somos os melhores!

Kate pulava nos braços do pai.

— Um dia também vou explodir prédios.

— Uma demolição não é lugar para meninas. — Sam riu. — Tom irá administrar a empresa. Se pedir com gentileza, ele talvez a deixe trabalhar no escritório.

— Os tempos são outros, Sam — Luther comentou. — Sua garotinha talvez se torne uma engenheira quando crescer.

— Minha filha não vai trabalhar em demolição.

Kate ficou magoada. O pai era teimoso e ela também. Faria de tudo para participar da empresa.

Porque, afinal de contas, Katherine Carroll Corsi queria explodir prédios.

Capítulo I

Dias atuais, Washington, Distrito Federal

Uma hora para a detonação.

O amanhecer ainda demoraria a chegar. Donovan entrou no ambiente aquecido do escritório da Phoenix, um trailer estacionado próximo ao velho prédio de apartamentos, Jefferson Arms, o projeto atual de engenharia da Phoenix Demolições. Seu patrão, Sam Corsi, despejou café em uma caneca e a entregou a Donovan.

— Obrigado. — Ele tomou o líquido escaldante. — Está frio lá fora. Assim fica difícil acreditar no aquecimento global.

— Tudo em ordem?

Donovan assentiu.

— Em ordem e um pouco à frente do programado. A única coisa que resta é a vistoria final. Quer que eu a faça?

— De jeito nenhum. Não despendi tantos anos construindo a Phoenix Demolições para que moleques como você fiquem com a parte mais divertida.

Donovan não esperava outra resposta. A última varredura pela construção em vias de ser dinamitada possuía um tipo especial de emoção e Sam, sempre que podia, candidatava-se para o serviço. Não deixaria, sob hipótese alguma, que seu homem de confiança o substituísse, mesmo em uma noite tão fria quanto aquela.

A filha de Sam, Kate, herdara tal exuberância. Kate, a ex-mulher de Donovan, alguém que ele jamais esquecerá.

Sam tomou o restante de seu café, atento à enorme estrutura do Jefferson Arms sob as luzes de Washington. A polícia mantinha os espectadores a uma distância segura. Por causa do adiantado da hora e do inverno rigoroso daquele janeiro, não havia uma multidão considerável para assistir à implosão.

— Pensa em reatar com Kate? — Sam Corsi indagou, bruscamente.

— Meu Deus! — Donovan quase engasgou com o café. — Quem colocou essa ideia na cabeça? Faz dez anos que Kate e eu nos separamos e, pelo que sei, ela desde então não dá as caras em Maryland.

Ainda atento ao prédio a ser demolido, Sam deu de ombros.

— É verdade. E nenhum dos dois mostrou sinais de querer outro relacionamento. Casaram-se muito jovens, mas havia algo muito bom

entre vocês. Além disso, Julia gostaria de ter netos para mimar.

Donovan notou que a conversa tomava um rumo perigoso.

— Éramos jovens demais, sim. Mas mesmo que Kate estivesse interessada, o que, francamente, acho impossível, há o pequeno detalhe de ela morar em São Francisco. E me refiro a namoro a distância.

— As coisas mudam. — Sam olhou para o relógio. Então, vestiu o casaco e calçou as luvas para a vistoria. — Talvez eu telefone para Tom qualquer dia desses.

O comentário soou mais chocante que excêntrico em se tratando de Kate. Ao lembrar a viagem inesperada de Sam ao pronto-socorro no mês anterior, Donovan perguntou, desconfortável:

— Por acaso, os médicos encontraram alguma coisa em seu coração? Pensei que o problema fosse apenas uma indigestão.

— Meu coração está ótimo e tenho os exames para provar. — Sam colocou o capacete e pegou uma lanterna. — Mas admito que o susto me fez refletir. Ninguém vive para sempre. Talvez seja hora de eu tomar uma atitude.

Ao ver a expressão de Donovan, Sam sorriu e o socou de leve no ombro.

— Não se preocupe. Se eu causar algum tumulto, será para seu próprio bem. — Ele então saiu do trailer.

Intrigado, Donovan contactou pelo rádio os outros membros da equipe. Uma detonação perfeita não ocorria por acaso e a total ausência de falhas nos serviços da Phoenix era resultado dos cuidados minuciosos a cada etapa do trabalho. A implosão era pura rotina, embora não houvesse nada de rotineiro em reduzir a ruínas uma construção maciça em questão de segundos. Em breve, a estrutura seria dizimada com uma estrondosa explosão para que algo melhor fosse erguido em seu lugar.

O movimento da lanterna de Sam marcava a vistoria em progresso pelo Jefferson Arms. Dentro do prédio vazio, ele verificava meticulosamente as cargas de explosivos, a fiação e até a farinha que a equipe salpicara pelas escadas a fim de revelar se um sem-teto ou animal usara a velha construção como refúgio.

Vinte minutos para a demolição. Agitado por causa da adrenalina de uma explosão iminente, Donovan pegou o microfone do rádio da estação base outra vez.

— Como vai indo, Sam?

— Tudo certo — seu patrão disse. — Este cortiço deve ter sido um lugar péssimo para morar, mas vai se tornar uma bela pilha de entulho. Sairei em dez minutos.

Donovan estava prestes a desligar o rádio quando escutou Sam

murmurar:

— Que estranho...

— O que você achou?

— Não sei. Espere um minuto...

De repente, a quietude da noite se desfez. Uma série de explosões eclodiu no Jefferson Arms, engolfando o prédio em trovões e chamas. As paredes despencaram e a estrutura desmoronou quando nuvens de poeira se formaram em todas as direções.

— Sam! SAM! — Donovan berrou, apavorado, e se precipitou à porta do trailer.

Mas era tarde demais. Milhares de toneladas de concreto já haviam caído sobre o homem que fora seu chefe, amigo e pai substituto por metade de sua vida.

Três dias depois

Enterros eram insuportáveis e a reunião que acontecia em seguida, pior ainda. Atingindo o limite de sua resistência, Kate Corsi resolveu se refugiar por alguns minutos a fim de recompor-se antes que tivesse uma crise diante de dúzias de amigos e parentes. Uma vez que o primeiro andar não oferecia privacidade, ela atravessou o casarão e subiu a escada forrada de carpete, optando pelo cômodo dos fundos, o qual seu pai usara como escritório.

Tudo naquele quarto falava de Sam Corsi, desde lembranças de prédios implodidos ao odor fétido de charutos. Kate ergueu o tijolo secular, que fora resgatado da implosão de uma fábrica abandonada na Nova Inglaterra. Havia sido o primeiro projeto da Phoenix para a gravação de um filme de Hollywood, uma invasão alienígena, e Sam ficara no auge. A partir daí, uma série de empresas de implosão tinham surgido no mercado.

Depois de devolver o tijolo à escrivadinha, ela pinçou um charuto da caixa de noqueira e inspirou o aroma do fumo. A fragrância penetrante a fazia recordar o pai de forma primitiva e intensa. Ele sempre fumara no escritório, mas o odor de charutos o acompanhara a todos os lugares.

Com lágrimas nos olhos, devolveu o charuto à caixa e encostou a testa no vidro gélido da janela. A vida mostrara-se surreal nos últimos três dias, desde que fora despertada às quatro da manhã pelo som do telefone.

Mesmo que vivesse cem anos, jamais se esqueceria do timbre da voz de sua mãe ao revelar a notícia de que Sam Corsi fora morto em uma explosão que tivera uma falha. No espaço de um segundo, a desavença

com o pai desaparecera, como se uma vida inteira de amor jorrasse em uma dor devastadora.

Naquela manhã, Kate embarcara em um avião para voltar a Maryland pela primeira vez em quase dez anos. Quando aterrissou, o corpo de seu pai já havia sido encontrado nos destroços e o enterro, programado.

Desde esse momento, Kate se vira engolida pelo caos, enquanto ajudava a mãe com decisões e preparativos que envolviam a morte súbita. Sam Corsi, tal qual sua empresa, a Phoenix Demolições Internacionais, PDI, fora único no ramo e sua morte em uma explosão prematura tornou-se manchete de primeira página do *The Baltimore Sun*. Agora ele jazia sob a terra congelada, após um funeral apressado devido aos ventos cortantes do janeiro mais frio da história.

Kate ainda tinha dificuldades de acreditar que alguém tão obstinado e generoso, adorável e de enlouquecer, podia ter partido. Inconscientemente, pensara que Sam viveria para sempre. Ou, pelo menos, até que o estremecimento entre pai e filha cicatrizasse. Ela deveria ter se empenhado para uma reconciliação. Agora era tarde demais. Muito tarde.

Assim que escutou som de passos, Kate endireitou as costas e enxugou as lágrimas quando outra mulher entrou no escritório. O vidro da janela refletia uma imagem que poderia ser ela mesma. Sua mãe, Julia, transmitira à filha a altura, o corpo esguio e os belos cabelos. Os olhos castanhos de Kate, porém, eram o legado visível da origem italiana do pai.

Kate se virou e abraçou a mãe, disposta tanto a dar quanto receber.

— Como você está, mãe?

— Aguentando. — Julia amparou-se na filha, emocionada. Kate a abraçou com força, aflita por se sentir impotente.

Dissipada a tensão, Julia afastou-se. Seu rosto, desgastado pela dor e fadiga, achava-se pálido.

— Vim lhe dizer que depois que os convidados se forem, Charles quer falar conosco acerca do testamento de seu pai.

Sem dúvida, sua mãe também apreciara a desculpa para fugir da multidão.

— Pensei que a leitura do testamento em presença da família só ocorresse em romances vitorianos.

— Não será bem assim. — Julia evitou fitá-la. — Há... detalhes que precisam ser discutidos.

Antes que Kate pudesse perguntar o motivo da urgência, a mãe sentou-se em uma cadeira e cruzou os braços.

— Espero que as pessoas partam em breve. Não sei por quanto tempo

ainda suportarei.

Kate tocou o ombro de Julia.

— Mãe...

— É bom ouvir as pessoas se lembrarem de Sam — Julia disse. — Mas é difícil. Passei o dia inteiro lutando contra as lágrimas.

— Ninguém vai se importar, se você chorar.

— Eu me importo porque não sei se conseguirei parar.

Kate abraçou os ombros da mãe. A aristocrata, Julia Carroll, era muito distinta de Sam Corsi, nascido na periferia de Baltimore, mas isso não os impedira de construir um bom casamento. Ela tinha o direito de se condoer a sua maneira. Kate entendia, pois partilhava a necessidade da mãe de encarar o mundo com compostura.

Julia fechou os olhos.

— Estou tão contente por estar aqui, Kate. Visitá-la em São Francisco não é a mesma coisa que vê-la em casa.

O motivo de Kate não vir a Baltimore durante dez anos achava-se no andar de baixo, lindo como o pecado e duas vezes mais perigoso. Mas naquele dia, os problemas de Kate eram ínfimos perto da perda da mãe.

— Claro que eu tinha de vir. Papai e eu tínhamos nossas diferenças, mas conseguimos nos entender melhor nos últimos anos. Algo que não ocorreu entre ele e Tom.

— Eu gostaria que Tom estivesse aqui. — Julia abriu os olhos. — Aposto que se você pedisse, ele viria. Tom disse que, como não era bem-vindo enquanto Sam estava vivo, não acreditava que conseguiria vir agora.

— Foi assim que aconteceu — Kate admitiu. — Todas as mães são videntes?

— É parte de nosso trabalho. — Julia levantou-se. — Não recrimino Tom por não ter comparecido ao enterro, não depois do jeito que Sam se comportou. Aquele homem podia ser impossível...

A voz falhou. Kate supôs que a mãe recordava a fratura da família, um evento tão profundo que nem uma década poderia atenuar a dor.

Na tentativa de esquivar-se do assunto, Kate perguntou:

— Quando a poeira abaixar, você irá nos visitar em São Francisco. Tom e eu adoráramos recebê-la pelo tempo que quiser.

— Ele sugeriu que eu fosse a São Francisco quando telefonou ontem à noite. Talvez eu aceite. — Julia ajeitou os cabelos com os dedos trêmulos. — Será bom... sair daqui.

Kate pensou em sugerir que a mãe não voltasse para a recepção, mas Julia jamais abandonaria um evento social em sua própria casa. Mas um detalhe a inspirou.

— Você não dizia que cabia a uma anfitriã deixar seus convidados completamente à vontade para então livrar-se deles quando estivesse farta? — Kate apontou a paisagem gélida da janela. — Estamos em Maryland. — Tudo o que temos de fazer é sugerir a iminência de uma nevasca para as pessoas desaparecerem.

A expressão de Julia suavizou.

— Façamos isso então.

— Certo. Vamos.

As duas saíram do escritório. Julia mantinha o semblante calmo que Kate via diariamente no próprio espelho. As linhas do rosto da mãe a fizeram lembrar a avó. Kate possuía a imagem mental de uma cadeia de mães e filhas de gerações passadas, partilhando a força estoica, amparo mútuo e conflitos inevitáveis. Um dia, se tivesse sorte, ela teria uma filha.

Mas tratava-se de um assunto doloroso demais para contemplar. Com as emoções sob controle, Kate seguiu a mãe pela escada.